

Sendero assassina 64 índios na Amazônia peruana

Antbal Solimano/Reuter

Lima — O Sendero Luminoso voltou a semear o terror no Peru ao realizar a maior chacina desde a captura de seu líder, Abimael Guzman, lançando quinta-feira cerca de 200 subversivos contra os acampamentos indígenas Ashaninkas em uma incursão que deixou um total de 64 mortos, 23 feridos e 700 desabrigados.

Patrulhas do exército realizaram ontem operações por ar e por terra em busca do grupo senderista que realizou a matança, enquanto se esperava em Lima a chegada das crianças feridas para serem atendidas em um hospital militar.

Este sangrento episódio mostrou em carne viva a cruel e silenciosa guerra que ocorre na região amazônica Ashaninka, onde os senderistas incentivam os conflitos entre grupos rivais e dirigem uma facção que tem cumprido seu propósito de luta armada.

O violento reaparecimento do senderismo contraria a versão das autoridades peruanas, segundo as quais esse grupo subversivo se encontra em baixa em todo o país e está a um passo de sua derrota total.

Com esta ação, segundo analistas locais, o Sendero Luminoso pretende retomar a iniciativa militar a menos de um mês do primeiro ano de prisão de Guzman, que cumpre pena de prisão perpétua em uma base naval no porto de Callau.

Na madrugada de ontem, os senderistas atacaram seis comunidades indígenas situadas no vale do rio Ene, província de Satipo, 450 km a leste de Lima e utilizaram armas brancas como machados, facas, flechas e lanças contra os nativos, que não tiveram como se defender. Quatorze crianças ficaram gravemente feridas e tiveram suas orelhas mutiladas.

"O que fizeram foi de uma crueldade extrema", disse uma fonte militar.

A matança fez parte de uma vingança senderista, que pretende castigar os Ashaninkas com uma

política de extermínio contra aqueles que rechaçam o movimento. Na última segunda-feira, o mesmo grupo terrorista atacou a localidade de Kivinaki, próxima do distrito de Pichanaki, e matou oito pessoas, entre autoridades e professores.

Em abril passado, outros 14 índios desse mesmo grupo étnico foram mortos na mesma localidade em uma ação atribuída pela polícia ao Movimento Revolucionário Tupac Amaru (MRTA), que tem um foco guerrilheiro nessa área.

O grupo senderista era integrado em sua maioria por guerreiros tribais Ashaninkas que apóiam o senderismo e que, anos atrás, ao verem-se entre dois fogos — os subversivos e os militares que os combatiam —, acabaram se juntando aos rebeldes.

Outro setor, que decidiu colaborar com os militares, formou patrulhas de autodefesa para repelir os subversivos, o que originou a eclosão da guerra, no final da década passada.

Nos últimos anos, a selva central era dominada pelo MRTA, que também não conseguia dominar os Ashaninkas, mas nos últimos meses o Sendero Luminoso expulsou os seguidores do movimento do local.

Antes de serem envolvidos nesta guerra estranha, que não entendem, segundo declarações dos seus dirigentes, os Ashaninkas — moradores nativos da região amazônica, que inclusive não conseguiram ser subjugados pelos Incas — viviam dedicados à pesca, à caça e à colheita de frutas e de folhas de coca.

Mas suas tradições foram quebradas pelos senderistas que saqueavam seus pertences e raptavam seus filhos, obrigando-os a semear a terra.

De acordo com recentes estudos do Centro Amazônico de Antropologia e Aplicação Prática, existem dez mil membros desse grupo étnico.



Na foto de arquivo, policiais armadas anti-guerrilha dos índios Ashaninka participam de parada

Peruanos reagem ao massacre

Chacina provoca estupor e indignação de políticos, religiosos e artistas

Lima — Os peruanos reagiram ontem com estupor e indignação às notícias sobre o assassinato de 64 índios Ashaninka, na região amazônica, perpetrado por uma coluna de 200 rebeldes do Sendero Luminoso em represália à fuga dos nativos de um cativeiro a que estavam sendo submetidos pela guerrilha.

Políticos, religiosos e personalidades do mundo artístico peruano pediram medidas enérgicas do governo do presidente Alberto Fujimori contra os criminosos e lançaram apelos para que os mais de 50 sobreviventes do massacre,

entre eles oito crianças com as orelhas mutiladas, recebam tratamento médico, remédios, alimentos e proteção.

A matança ocorreu na província de Satipo, 270 quilômetros a leste de Lima.

Autoridades de Satipo informaram que os índios viviam encarcerados em campos de concentração, onde eram submetidos a treinos para serem usados na luta armada contra o governo.

Um grupo de 400 agentes da polícia nacional partiu ontem para a região amazônica peruana a fim

de realizar buscas, por ar, terra e pelos rios, com o objetivo de localizar e prender os rebeldes.

O ministro da Saúde, Victor Paredes, também decidiu viajar a Satipo para levar a ajuda médica e supervisionar a retirada dos feridos.

O antropólogo e lingüista Michael Saenz, que estudou os nativos e fala sua língua, disse que a chegada do Sendero Luminoso ao território Ashaninka significou um "trauma" social, econômico e moral para esta etnia na Amazônia peruana.

7640
3
6